

Tradições discursivas
faces e interfaces da historicidade
da língua e do texto



LaborHistórico

Volume 4 - Número 1 - jan./jun. 2018

Sumário

Apresentação	10
---------------------	----

Cleber Alves de Ataíde
Valéria Severina Gomes

Dossiê Temático

La relación entre tradiciones discursivas y la dinámica de variedades de lengua	13
--	----

Alfonso Gallegos Shibya

A adjetivação como marca de tradição discursiva do editorial de <i>O Mossoroense</i>	31
---	----

Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Tradições discursivas: conceitos e métodos para a análise diacrônica de gêneros	41
--	----

Jorge Luis Queiroz Carvalho
Aurea Zavam

Varição e Tradição: uma análise do <i>Tu</i> e <i>Você</i> na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989)	55
--	----

Elizabhatt Christina Cavalcante da Costa
Valéria Severina Gomes
Cláudia Roberta Tavares Silva

Por uma filologia do discurso: latinidade, ethos, tradições discursivas e um exercício analítico transdisciplinar	72
--	----

Lucineudo Machado Irineu

Polifonia e modalização na tradição discursiva “aviso de cobrança” nos jornais do século XIX	85
---	----

Roseane Batista Feitosa Nicolau

Varia

**A expressão da posse na terceira pessoa em cartas escritas por homens brasileiros:
uma análise diacrônica e histórica** 100

Elaine Alves Santos Melo

Janaína Pedreira Fernandes Sousa

Luan Alves Alonso Martins

As estruturas clivadas do galego 116

Xavier Frias Conde

Resenhas

**RACHI, S. *Por mãos alheias: usos da escrita na sociedade colonial.*
Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2016. 399 p.** 126

Marcus Vinícius Pereira das Dores

Recebido em 24 de dezembro de 2017. | Aprovado em 30 de janeiro de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i1.17488>

Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças¹

Resumo: Os editoriais circulam amplamente na esfera jornalística desde a criação da imprensa no Brasil e como textos essenciais para a demarcação de um posicionamento oficial da empresa, seguem uma tradição contínua de aparecimento nos diversos jornais do país. Sabemos, no entanto, que os textos que circularam na primeira fase jornalística do Brasil não são iguais aos textos mais modernos em função de fatores pragmáticos, linguístico-discursivos e estruturais. Dessa forma, partimos dos pressupostos da linguística românica coseriana, que tem como fio condutor a ideia que os textos têm uma historicidade própria (COSERIU, 1979) e da qual pode haver características contínuas e outras descontínuas, para avaliar o adjetivo como marca de Tradição Discursiva no texto. Assim, os editoriais do Jornal *O Mossoroense*, publicados desde 1872, serão o material em que analisamos a categoria morfológica adjetivo, e estão metodologicamente divididos em três fases que vão de 1872 ao ano de 1875, e conta com 34 exemplares de textos. O segundo período vai de 1928 a 1935 e é composto de 23 textos. O último vai do ano 1980 ao ano de 2007 e comporta 14 textos representativos dos editoriais. A pesquisa consiste numa análise qualitativa da adjetivação em editoriais das épocas destacadas. Os resultados obtidos nos permitem afirmar que há mudanças linguísticas consideráveis e propósitos comunicativos aproximados, além da adjetivação estar mais polida. Ainda podemos verificar a aproximação do editorial da primeira fase ao gênero manifesto, tão comum no final do século XIX.

Palavras-chave: Adjetivação; Tradição discursiva; Editorial; *O Mossoroense*.

Abstract: The editorials circulate widely in the journalistic sphere since the creation of the press in Brazil. As they have been seen as essential texts to define an official position of the company, they follow a continuous tradition of occurrence in the several newspapers of the country. However, we know the texts that circulated in the first times of the press in Brazil are not similar to the more recent texts due to pragmatic, linguistic-discursive and structural reasons. Thus, we use Coserian perspective as the theoretical basis, which has as its guiding principle the assumption that the texts have historicity by themselves (COSERIU, 1979), which makes them show continuous or not continuous characteristics to evaluate the adjective as a Discourse Tradition mark in the text. Thus, the editorials of the Newspaper “*O Mossoroense*”, published since 1872, constitute the data of this research, on which we analyzed the adjectives as a morphological category. For methodological reasons, the data is divided into three periods. The first period is from 1872 to 1875, a sum of 34 texts. The second period is from 1928 to 1935, and it consists of 23 texts. The last period is from 1980 to 2007, and it includes 14 texts of the editorial genre. The research is a qualitative analysis of adjectivation in editorials during the highlighted periods. The results obtained allow us to state that there are significant linguistic changes and approximated communicative purposes. Additionally, we noticed that the adjectivation became more polite. Another point we can highlight is the similarity between the editorials of the first period and the manifesto genre, which was usual at the end of 19th century.

Keywords: Adjectivation; Discourse tradition; Editorial; *O Mossoroense*.

¹ Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças é graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela UERN (2008). É mestre em Linguística pela UFPB (2011) e doutora em Linguística pela UFPE (2017). Atua, desde a graduação, com temas ligados à Linguística Histórica e gêneros jornalísticos. Atualmente, é professora no SENAC-RN, na cidade de Mossoró e atua como tutora a distância na UFRSA. ang-thi@hotmail.com.

Considerações iniciais

Os estudos de textos escritos têm sido feitos a partir de inúmeras abordagens teórico-metodológicas, como por exemplo a linguística textual, e todas elas têm contribuído para a compreensão tanto das práticas discursivo-textuais atuais bem como das práticas do passado, no caso de termos uma abordagem histórica. Nesse sentido, os estudos históricos permitem acessar os conhecimentos linguísticos compartilhados numa determinada época, bem como a norma linguística em que circulavam os textos, além, é claro, de elementos externos à estrutura como a ideologia dominante na sociedade em questão.

Assim, os textos do jornal *O Mossoroense* – *corpus* escolhido para esta pesquisa- desde as suas primeiras publicações em 1872, revelam muitas características que vão além da materialidade linguística dos textos editoriais escolhidos para compor o *corpus*, evidenciam aspectos histórico-sociais nos quais se ancoram a palavra escrita no momento de sua produção.

Ainda, em comparação com textos mais atuais, podem apresentar mudanças consideráveis em sua estrutura, no que diz respeito à organização retórica, à constituição linguístico-discursiva, influenciadas, principalmente por fatores pragmáticos. Na dimensão linguística, vários elementos chamam atenção, no entanto, não serão muitas as categorias analisadas aqui neste artigo. O objetivo deste trabalho é mostrar como se deu o processo de adjetivação nos editoriais do recorte temporal escolhido, a fim de evidenciar uma relação de mudança quanto à categoria escolhida. Desse modo, investigo, neste trabalho, a adjetivação no gênero Editorial do jornal *O Mossoroense* como uma marca dessa Tradição Discursiva. Para tal investigação, abordamos o tema sob o escopo teórico-metodológico das Tradições discursivas.

A investigação foi feita em textos editoriais do jornal *O Mossoroense*, em três intervalos distintos, 1872 a 1875, 1927 a 1935 e 1980 a 2007². O recorte temporal se deu em função da escolha do gênero com base em alguns critérios como: a posição do texto no jornal, a temática, a sequência prototípica como conhecemos hoje. Os textos que compõem o *corpus* são 71 exemplares dos editoriais.

Na sequência desta exposição, na primeira seção, apresentamos as concepções que dão origem aos estudos de Tradições Discursivas na Europa; na segunda seção, contextualizamos o nascimento da imprensa na cidade de Mossoró, para então, analisar o processo de adjetivação nos editoriais mossoroenses na terceira seção; na quarta seção, sintetizamos as principais mudanças e as permanências ocorridas na TD editorial, quanto ao uso dos adjetivos e, em seguida, tecemos algumas considerações finais não definitivas sobre o assunto.

1. Um breve panorama das Tradições Discursivas

As filiações linguísticas que perscrutam a mudança linguística, a observação de dados estruturais, semânticos, sintáticos, morfológicos, fonético-fonológicos, além de funcionais têm sido aliadas dos estudos de Tradições Discursivas, visto que as pesquisas da área aquinhoram matéria para que os estudos da mudança linguística não fiquem apenas na virtualidade das pressuposições.

A noção de texto escrito como imutável não é mais uma realidade dos estudos da língua, sendo a noção variação linguística, uma ideia facilmente comprovada e discutida desde os estudos de Meillet, contrastando com teorias em que a visão das línguas era apenas a de sistema fechado e imutável (SCHIEBEN-LANGE, 1993).

Essa noção muda, quando se modifica a reflexão linguística em ciências da linguagem, decorrente de mudanças de linha de pensamento e de correntes filosóficas. O pensamento científico muda porque há uma valorização do sujeito, do individual, e nesse escopo, o texto tem suas interpretações revisitadas e revistas. As principais influências para a revisão da concepção de texto advêm principalmente das ideias de Mikhail Bakhtin sobre dialogismo, interação e a relativa estabilidade que os gêneros possuem (GOMES; IAPECHINO, 2011). Nesse contexto, a língua é aprendida em sociedade e os textos são também construídos para se conviver em comunidade e possuem determinados objetivos na cadeia complexa que é a sociedade e são historicamente constituídos.

² Este trabalho é um recorte da Tese de doutoramento intitulada *Tradições Discursivas do editorial no jornal O Mossoroense*.

O nascimento do conceito de Tradições Discursivas se deu a partir dos estudos de Coseriu (1979) e de Schileben-langue, no seio da linguística românica, e mais tarde fora refinado por Oesterreicher e Kock. A perspectiva teórico-metodológica requer que se pense a mudança linguística a partir da ideia de que as línguas são históricas e, conseqüentemente, os textos que utilizamos em nossa interação social também o são. Assim, nas palavras de Kabatek (2001, p. 99):

a historicidade discursiva seria, por exemplo, a da história dos gêneros textuais, dos atos de fala, os gêneros literários e retóricos e os estilos. Falar seria, pois, uma atividade universal que se realizaria através de um duplo filtro tradicional: a intenção do ato comunicativo teria que passar em cada momento pela ordem lingüística que encadeia os signos de uma língua segundo suas regras sintáticas e pela ordem textual que atualiza certas tradições discursivas.

A historicidade seria uma característica estruturante da língua e, de certa forma, do próprio homem que fala uma língua, pois, ao proferir seu discurso no ato comunicativo, ele utiliza os conhecimentos construídos ao longo da história do seu idioma, mas também de textos que foram constituídos como funcionais ao longo do tempo.

Assim, para que se analisem as mudanças e permanências num determinado texto ou família de textos, é interessante notar a concepção de que os textos possuem uma história e que, além de tudo, ela pode ser investigada metodologicamente e de forma bem definida de modo que todo texto passa pela tradição da língua como também pela tradição cultural.

Dessa perspectiva, “os textos compreendem conjuntos de enunciados lingüísticos que se relacionam a uma realidade, uma situação e a todos os outros textos já enunciados” (LONGHIN, 2014, p. 10) estabelecendo, portanto, uma espécie de rede de gêneros, ideia defendida pelos pesquisadores Adamzik (2001) e Klein (2000), citados num trabalho de pesquisa de Costa (2008).

Costa (2008) argumenta, baseada nos autores citados, que os gêneros não estão desconectados um dos outros, ou seja, não são isolados em termos de constituição, mas que fazem parte de um sistema em que cada gênero possui uma função social. Assim, a pesquisa em Tradições Discursivas seria aquilatada constando o repertório dos gêneros e, além disso, que esses diferentes gêneros de uma mesma rede fossem comparados, na tentativa de compreender questões de semelhanças entre eles nos aspectos formais, pragmáticos, funcionais e temáticos.

Outra definição sobre as Tradições Discursivas é trazida por Kabatek (2006, p. 512).

Entendemos por Tradição discursiva (TD) a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados.

Assim, parece-nos que esta definição, em conformidade com o que defende Longhin (2014), apresenta critérios mais claros e que possibilitam delimitar o conceito de TD. Nessa abordagem, uma Tradição Discursiva é verificável a partir de dois ou mais textos que podem ser relacionados a partir de seus conteúdos, língua ou forma, ou ainda, a base de duas situações que evocam dois textos relacionáveis (KABATEK, 2004). Assim, uma TD apresenta vários elementos identificáveis e possíveis de análise como, por exemplo, o conteúdo de um editorial. Em um editorial, há elementos identificáveis tanto no eixo paradigmático quanto no eixo sintagmático, assim, há componentes tradicionais que constituem as TD. Parte daqui “o princípio da composicionalidade tradicional” (KABATEK, 2012). Dessa forma, é tarefa da teoria das TD, a investigação empírica das tradicionalidades que compõem o texto.

A historicidade não é o único critério definidor de uma Tradição Discursiva. Há a evocação (a relação do texto com o contexto), a repetição, mas não qualquer repetição por si só, trata-se da repetição que manifeste um valor de signo, ou seja, que a fórmula ou estrutura ou enunciado tenha atingido um valor próprio. Assim, é

possível considerar a transformação que uma TD pode sofrer ao longo do tempo, além da interferência que a TD pode sofrer ao entrar em contato com outras TD.

O estudo das tradições discursivas tem mostrado as relações existentes entre a inovação que os textos podem apresentar e as mudanças. Nesse sentido, esses estudos traçam um trajeto de uma determinada TD e frequentemente identificam as mudanças nos textos, uma aplicabilidade de grande importância para estudos de gramática histórica e ainda para a história da língua de maneira mais abrangente.

Como já afirmamos anteriormente, a noção de tradição discursiva, que usamos neste e em outros trabalhos, nasce da linguística românica fortemente influenciada pelos estudos de Coseriu (1979), que destaca a importância do entorno para os estudos da linguagem. Disto, começamos nossa trajetória com a contextualização do surgimento da imprensa mossoroense, a fim de reconstituir a sócio história da época.

Passemos à contextualização do periódico no qual coletamos o nosso *corpus*.

2. Uma história da imprensa em Mossoró

Assim como o ocorrido no Rio de Janeiro e em outros estados no país, a inauguração da imprensa em Mossoró aconteceu mais tardia ainda, pois a data de estreia é 17 de outubro de 1872.

Em todo o estado do Rio Grande do Norte, os jornais que estavam em circulação à época só foram inaugurados após a independência do Brasil. No entanto, Sodré (2011, p. 166) afirma que, em 1832, já existia um periódico que circulava no Estado, "o Natalense", porém sua circulação não durou mais que uma década.

O *Mossoroense* foi criado por Jeremias da Rocha Nogueira³. Segundo Rosado (2006, p. 131), o periódico tinha como colaboradores, além do seu criador, José Damião de Souza Melo, Alfredo de Souza Melo, Antônio Gomes de Arruda Barreto, João da Escóssia, dentre outros. A função do jornal estava ligada à instrução; o texto de abertura do periódico desempenhava ora o papel de Editorial ora de Manifesto⁴. Dessa maneira, o jornal assumia a natureza essencialmente política, moral, literária e comercial; característica semelhante a outros periódicos da época que se posicionavam contrários ao regime monárquico. Além desses textos de cunho político, o jornal anunciava remédios, como os antinevrálgicos, tônicos para o fortalecimento muscular para crianças e mulheres; romances; traduções de textos; tabelas de preços de produtos; notas de falecimento; anúncios de vendas; oferta de serviços como de advocacia; e até de procura de escravos para o serviço doméstico etc⁵.

O *Mossoroense*, em sua primeira fase, trazia em suas páginas o estilo combatente e agressivo com que seu Redator se posicionava ante as questões políticas e administrativas. Os artigos eram, em sua maioria, doutrinários, apresentavam ideias progressistas e defendiam a maçonaria, entidade à qual o jornalista pertencia.

Esse estilo combatente se concretizava a partir das escolhas adjetivais feitas pelo redator *Jeremias da Rocha Nogueira*, que propositalmente buscava provocar os leitores para as questões políticas por ele suscitadas, além da exortação sempre em seus textos, atacava diretamente algumas figuras públicas como o Vigário Antônio Joaquim.

Embora haja estreado como o único jornal da cidade, O *Mossoroense* não era bem aceito pela autoridade máxima da cidade, o Padre Vigário Antônio Joaquim, que destoava das visões políticas de seu criador, pelo fato de ser ele um maçom. Contra ele, o prefeito proferia inúmeras acusações públicas e agressões. Padre Antônio Joaquim era considerado, por Jeremias Rocha, adepto do continuísmo retrógrado e era tido como conservador.

³ O dono do jornal *O Mossoroense*, Jeremias da Rocha Nogueira, era filho de Floriano da Rocha Nogueira e de Ana Rodrigues Braga, mais conhecida como Ana Floriano. Formou-se em Direito em Pernambuco e fundou em Mossoró a imprensa, com o jornal que leva o nome gentílico da cidade. Antes de fundar o jornal, Jeremias assumiu funções políticas como secretário da câmara e suplente de vereador. Além disso, exerceu a função de advogado do cangaceiro Jesuíno Alves de Melo Calado (Jesuíno brilhante) (CASCUDO, 2001).

⁴ O jornal *O Mossoroense* apresenta explicitamente duas fases as quais já foram divididas pela autora na introdução do trabalho. O texto que analisamos como Editorial com similaridade de Manifesto só apresenta essa característica na primeira fase que está delimitada de meados do séc. XIX até o final. Já no século XX, o Editorial assume outras características, abandonando a natureza mais persuasiva e exortativa. Essas características serão tratadas logo mais adiante.

⁵ De acordo com Bastos (2016, p. 61), a abolição da escravatura só foi proclamada em 13 de maio de 1888. O texto era bem curto com dois artigos apenas: Art. 1 – É declarada extinta a escravidão no Brasil, desde a data desta lei. Art. 2 – Revogam-se as disposições contrárias. Com esse ato, a Princesa Isabel assina a Lei Áurea e põe fim à escravidão no Brasil.

Jeremias era abolicionista e registrava n' *O Mossoroense* as críticas à polícia que comumente perseguia os negros na cidade. A bandeira da sociedade secreta maçônica, bem como o dia da fundação da Loja, 24 de junho, foram descritas também no impresso de Jeremias.

Segundo Cid Augusto (2004, p. 6), a discórdia era tanta que o vigário se recusou a batizar o filho de Jeremias porque ele e os padrinhos eram maçons. Lauro Escóssia (1978 *apud* ROSADO, 2004, p. 4) conta que:

Dias após o seu nascimento, foi levado à Igreja Matriz de Santa Luzia a fim de receber as águas lustrais do batismo. Seria batizado com o nome de João Batista da Rocha Nogueira. Na época dessa cerimônia estava em evidência a luta entre a Igreja Católica e a Maçonaria, em nossa cidade seriamente fomentada através do jornal, que tinha o pai do neófito como diretor, pois era Jeremias da Rocha 'homem de bons costumes'. O padrinho seria Targino Nogueira de Lucena, outro maçom, pelo que os dirigentes católicos rejeitavam batizar o inocente rebento de Jeremias. A providência não se fez esperar. Jeremias conduziu a criança à Loja Maçônica 24 de Junho, sendo ali batizada com o nome do patrono da Ordem Escocesa Antiga e Aceita - São João da Escóssia. Esta foi a solução lógica que deu origem à família Escóssia, hoje com centenas de descendentes radicados em vários Estados do País.

Com isso, a epígrafe do jornal adicionou mais um adjetivo que o caracterizava: o antijesuítico, que permaneceu durante grande espaço de tempo.

A longa existência de *O Mossoroense* permitiu registrar em suas páginas acontecimentos importantes da época como o motim das mulheres, episódio em que as mulheres vão às ruas protestar contra o decreto 5851, o qual fora publicado no governo Rio Branco, contendo as normas de recrutamento para o exército. Além disso, constou ainda em suas páginas a reportagem do dia 4 de novembro que confirmava o primeiro voto feminino das Américas, por Celina Guimarães em 1927, se tornando a primeira eleitora da América Latina.

O jornal também noticiou a tentativa de elaboração do código civil brasileiro em 1873, escrito por José Thomaz Nabuco de Araújo. A passagem do cometa Halley em 1908, as notícias de Roma referentes a eleições papais. *O Mossoroense* existe até os dias atuais no formato online. Como se pode ler no site da Agência de Jornalismo Nacional, é um dos jornais mais antigos da América Latina, sendo o terceiro na lista do País.

3. A adjetivação⁶ nos editoriais mossoroenses

Nos editoriais do jornal *O Mossoroense*, há o uso excessivo de adjetivos usados para qualificar quase sempre negativamente os substantivos a que se referem no corpo do editorial, sendo essa uma das características mais marcantes dos textos da primeira fase de publicação. O uso do adjetivo exprime e marca as posições ideológicas e as opiniões do autor. Sobre isso Koch (2002, p. 154) afirma que as escolhas de palavras feitas na escrita de um texto são intencionais e não seria diferente com o uso dos adjetivos, pois "é através dela [seleção lexical] que se estabelecem as oposições, os jogos de palavras, as metáforas, o paralelismo rítmico etc".

Em relação ao uso dos adjetivos, a gramática tradicional os define a partir da sua funcionalidade: "caracterizar o substantivo". Como pode ser encontrado em Azeredo (2011, p. 170), podem ser de dois tipos: que expressam conteúdos de existência objetiva e "[...] expressam noções referencialmente variáveis ou decorrentes de opinião: passagem estreita". Essa noção também é explicada por Borges Neto (1991), quando afirma que o adjetivo estabelece dois tipos de relação com o substantivo: relação atributiva e relação predicativa.

Os editoriais estudados apresentam a adjetivação como uma forte característica da argumentação do editorialista. Na tradição editorialística do jornal "*O Mossoroense*", o adjetivo é utilizado como uma estratégia tanto de defesa de um ponto de vista quanto estratégia de convencimento do interlocutor.

A análise do *corpus* permitiu apontarmos que os tipos mais recorrentes de adjetivos são aqueles que expressam as noções referencialmente variáveis ou decorrentes de opinião, se configurando nesse material uma das características mais marcantes da escrita dos editoriais do final do século XIX. Além disso, muitas vezes, as

⁶ A adjetivação é amplamente discutida em Borges Neto (1991), na obra denominada *Adjetivos: predicados extensionais e intensionais*. Ele faz um mapeamento das perspectivas teóricas que discutem sobre o tema, começando pela visão tradicional da NGB, apresentando três propostas: de Bolinger (1967), de Vendler (1968) e de Zuber (1973).

adjetivações excessivas desses textos deixam os discursos empolados, floreados e prolixos, deslocando os assuntos considerados importantes para aspectos de carácter mais subjetivos.

O uso recorrente dos adjetivos na primeira fase do nosso recorte (1872 a 1875) do jornal *O Mossoroense* faz com que esses textos se assemelhem aos Pasquins, periódicos panfletários de “características específicas” (SODRÉ, 2011, p. 137), que pregavam a Independência do Brasil em relação a Portugal, a liberdade e combatiam a cúpula da igreja. Esse tipo de imprensa foi amplamente combatida nas províncias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro⁷. A linguagem dos Pasquins era verborrágica, contundente e agressiva. Considerada por Sodré “atrevida”, refletindo o ardor apaixonado das facções em divergência, chegando muitas vezes a excessos, ataques pessoais e insinuações maldosas.

Assim, as expressões usadas propagam um valor semântico de negatividade, de desaprovação, de depreciação:

- Adjetivos ou locuções adjetivas avaliativas que exprimem negatividade, depreciação:

- (1) Tem só esses **monstruosos** espetaculos o grande inconveniente de custarem extraordi-/nariamente caros. (Texto n. 1, 16 de fevereiro de 1872)
- (2) Impressionados com a marcha **rude e/ escandalosa** dos tempos modernos, tomamos/ a **ardua** tarefa de profligar os desmandos de/ um poder **despótico** e absoluto, e de censu-/rar as incoherencias d’uma actualidade cheia [.....]//O [paiz][...] pela **vil** e asquero-/sa ambição de políticos **insensatos**, que a tro-/co das maiores indignidades tudo invidão pa-/ra satisfação de seus caprichos e interesses/ pessoas, ostenta ao mundo, que o [co]ntem-/pla cheio de pasmo, o **triste** quadro da de-/pravação moral de seus homens públicos, e/ ao fundo o ponto **negro** de suas iniquidades e/ torpezas.// (Texto n. 2, 23 de novembro de 1872)
- (3) O homem, como todo animal, tem o ins-/tincto da propria conservação quer a vi-/da, mas não lhe basta só isto, sua razão pe-/de mais, quer o viver bem. Sendo natural-/mente **egoista e ambicioso** só o que pode com-/tel-o na torrente **impetuosa** dos seus desejos/ illimitados e sem duvida o interesse maior/ de todos os interesses – a sociedade que o/ garante contra a injustiça da força e o leva/ mais rapidamente o bem estar.//
- (4) Em outros tempos, que não vão muito/ longe, o poder **irresponsável** era accusado/ de **tibio, fraco, condescendente** de mais/ com o executivo que atrás e horrivelmente/ menosprezava as leis.// (Texto n. 5, 14 de dezembro de 1872)
- (5) A despeito do sepulchro, que a indigna-/ção nacional ergueo já ao execrando e sem-/pre **detestável** ministerio – 7 de março- com--/tinua este arrastar o pezado fardo de sua/ **desgraçada** existencia.// Essa **negra** constellação de satellites, que girando em torno do planeta **irresponsavel/** tem ensombrado o paiz de nuvens **de tor-/pezas** e levado aos confins do imperio o tem-/pestuso [...] e suas [iniquidades], sobre-/carregando a sombria atmosphera social e/ politica, em que a custo pode respirar uma nação/ **angustiada**, paira ainda nas altas re-/giões administrativas ostentando ao mundo/ em cynismos de soberano desdem a gloria/ ephemera d’uma existencia **morta**, apenas/ sustentada pelos caprichos do Jupiter imperial.// (Texto n. 12, 1 de fevereiro de 1873)

⁷ O jornal *O Mossoroense* teve o início de sua circulação em 16/11/1872, época em que a situação política do Brasil estava entrando em colapso com o regime monarquista na figura de D. Pedro II como Imperador. Schwarcz e Starling (2015, p. 617) esclarecem que em 1870 o *Manifesto Republicano* foi publicado num jornal político de São Paulo. No âmbito mundial, dava-se início a Segunda Revolução Industrial, com o desenvolvimento da eletricidade, da siderurgia e da petroquímica. Acontecimentos importantes para que intelectuais da época se rebelassem com a condição de país escravocrata e com um regime de governo absolutista, como era o país no século XIX. Apesar de ter todas as características dos Pasquins com o uso excessivo da adjetivação, uso da linguagem atrevida, de ataques à sociedade local, o jornal não sofria penalidades em sua circulação porque sua publicação se resumia a uma área situada longe do controle Real. Mossoró, apesar de ser uma área estratégica que fica entre Fortaleza (CE) e Natal (RN), à época, ainda era considerada uma província do interior e de difícil acesso. Isso dificultava o controle e a censura da Coroa. De acordo com Sodré (2011, p. 136), “para encontrar jornais livres era preciso viver nas áreas rebeladas, como em Pernambuco de 1824.” Como podemos atestar, não era o caso do jornal ora analisado.

Essas escolhas lexicais carregadas de uma negatividade exagerada revelam o descontentamento do editorialista em relação ao governo imperial, e o tom combatente do seu discurso contribui para que o leitor claramente identifique o lugar de onde ele enuncia os seus dizeres. Podemos notar que as escolhas negativas sempre estavam relacionadas à temática do poder monárquico, o que é indício e, ao mesmo tempo, prova de que o editorialista defendia o seu ponto de vista ideológico sob a forma de ataque.

- Podemos encontrar também no nosso *corpus* vários adjetivos avaliativos com valor semântico de positividade, afirmativos ou favoráveis:

- (6) A imprensa, a geração **nova**, e as ideias do/ seculo já vem entrando as portas do Oriente/ no carro **civilizador**, e o partido liberal de/ Mossoró que se levante **cheio** de fé, **rico** d'es-/peranças e **animado** do mais **nobre** enthusi-/asmos para sahir ao encontro dessa locomoti-/va **magnifica**, aguarda o dia do sahimento fu-/nebre do seu tyranno oppressor para assistir/ aos **explendidos** festins da liberdade e cantar/ hozanas ao Rei **immortal** da criação. (Texto n. 3, 30 de novembro de 1872)

Esses termos com valor semântico positivo referem-se aos elementos ou objetos apreciados pelo editor do jornal. Essas escolhas reforçam a dualidade com que o editorialista tratava temáticas ideologicamente contrárias.

No início do século XX, período que comporta a segunda fase do nosso recorte (1927 a 1935), o regime governamental se tratava da República ou Nova República e, neste contexto, a imprensa brasileira, desde seus primeiros exemplares, tem evidenciado raízes políticas, mostrando que a nação sempre esteve dividida entre ser situação totalmente defensora do poder ou dos grupos que estavam no poder e ser oposição dura e crítica aos grupos vitoriosos.

- A adjetivação com efeito depreciativo também era encontrada nesses editoriais, como podemos observar nos excertos abaixo:

- (7) Effectivamente, como no/ cycli das "salvações milita-res" o nosso povo, **sedento**/ de liberdade, **cansado** de ter/ sobre seus hombros o continuo **azorrague** dos snrs./ **mandões** da primeira repu-/blica, recebeu com enthusias-mo, com o clamor da maior/ alegria, a avançada victorio-/as dos que realizaram e 24/ de outubro. (Texto n. 56, 13 de março de 1932)
- (8) **Incapa-/citados** de realizarem a res-/tauração, a moralidade e o/ governo que prometeram,/ esses **debeis** pimpolhos da/ politica revolucionaria insur-/gem-se contra a propria im-/prensa que lhes não tolera/ a mediocridade, e para ella/ pedem o rastêlo da censura/ reaccionaria e recrementicia!// (Texto n. 57, 20 de março de 1932)

- Adjetivos avaliativos com valor semântico de positividade, afirmativos ou favoráveis:

- (9) o nosso futuro Senador/ foi sempre uma individuali-/dade de actuação **serena**, mas/ **inconfundivel**, creando em/ derredor do seu nome uma/ aureola de **justa** admiração,/ pelo prumo das attitudes,/ pela proficuidade na acção,/ pela **forte** projecção intellec-/tual com que encarou e re-/solveu os mais **importantes**/ problemas sociaes, economi-/cos e politicos.// (Texto n. 38, 1 de abril de 1928)

A escolha dos adjetivos com valor semântico de positividade neste recorte mantém a posição dualística do editorialista da primeira fase. Mesmo num momento em que a configuração gráfica requeria textos menores e um pouco mais "enxutos", o editorialista mantinha a tradição de marcação de posicionamento a partir da escolha dos adjetivos. No entanto, na terceira fase do nosso recorte (dos anos 1980 até 2007), a quantidade de adjetivos com sentido negativo caiu consideravelmente, o que pode revelar, talvez, não um contentamento geral, mas uma conformidade parcial com as ações políticas e governamentais tomadas pelo grupo representante do povo.

Ao passo que, na terceira fase, nos anos 80 do mesmo século, a escolha dos adjetivos parece ser mais cuidadosa e num tom mais polido.

- Adjetivos ou locuções adjetivos avaliativos que exprimem negatividade, depreciação:

- (10) Apresentou uma queda ainda maior que os ou-/tros. Desculpa **rota**, porém, uma vez que no Es-/tado do Rio, o descenso será explicável por fa-/tores tão fortes como a presença de correntes/ mais ativas na oposição ao governo federal e ao/ sistema, como sejam o PMDB, OPDT e os se-/tores engajados na esquerda.// (Texto n. 61, 10 de outubro de 1980)
- (11) Em primeiro lugar só se/ pode atribuir a muita insensi-/bilidade essa atitude pratica-/da pela PMM agindo de for-/ma **autoritária, arbitrária, in-/discriminada**, contra pobres/ pais e mães de família que/ não têm outra forma de ga-/rantir o seu sustento nem o/ sustento dos seus. (Texto n. 64, 9 de janeiro de 1990)

- Adjetivos avaliativos com valor semântico de positividade, afirmativos ou favoráveis:

Nos editoriais do final século XX, observamos que os adjetivos valorativos com valor semântico de afirmação/comprovação quase não aparecem nos exemplares analisados. Isso provoca uma interrogação sobre o motivo de haver ainda a valoração negativa nos textos e quase não aparecerem adjetivos que qualifiquem como boa ou positiva alguma ação ligada à política. Para essa questão pensamos que essa ocorrência corresponda ao papel social do gênero, que é opinar, geralmente, sobre assuntos polêmicos, e consequentemente as opiniões se dão de forma negativa.

A forma de argumentar sofreu uma transformação orientada pelo entorno da modernidade. Os textos escritos com mais rebuscamento já não atendem às necessidades do público globalizado, com multitarefas e que precisa de informações rápidas e objetivas. Os editoriais mudaram a forma de adjetivar tirando o foco do posicionamento, que antes era o editorialista, e a agora é o público.

4. Mudanças e permanências quanto ao uso dos adjetivos nos editoriais mossoroenses

O uso excessivo de adjetivação torna o editorial rebuscado, empolado e, muitas vezes, incompreensível. A adjetivação era um traço comum à época do final do século XIX, influenciado por vários fatores pragmáticos como o tom dos textos da época, pasquins, manifestos, artigos e alguns ensaios, que, inclusive, se assemelhavam no ardor, na veemência das afirmações do texto.

A tradição discursiva editorial sofreu uma mudança considerável quanto à adjetivação. Nas primeiras fases, mantinha um traço de demonstração da posição dualista do editorialista. Quando se dirigiam a objetos, sujeitos ou faziam parte da ideologia defendida pelo escritor, os adjetivos apresentavam um valor semântico de positividade. Quando se referiam a objetos, sujeitos e ideologias das quais o editorialista discordava, as escolhas eram feitas para apresentarem o valor semântico de negatividade ou depreciativo.

O exagero característico dos editoriais da primeira fase foi realinhado com o passar dos anos, provavelmente com uma intenção de estabelecer uma opinião mais centrada nos fatos que propriamente no julgamento do editor. Podemos afirmar, portanto, que nos últimos tempos, os adjetivos estão sendo usados com muito mais cautela e em menor quantidade, deixando a opinião sob a responsabilidade de outros fatores que não apenas a adjetivação.

Notamos que, dos anos 80 até a atualidade, a opinião ainda é a finalidade do texto editorialístico, o que é uma característica estruturante do gênero. No entanto, a forma de opinar sofreu transformações quanto ao modo de influenciar. Não seria mais a exposição de um julgamento individual do editor, da instituição, marcada pelo uso dicotômico do adjetivo, mas a colocação de argumentos que direcionariam a tomada de posição do leitor. Sobre isso, as escolhas dos fatos abordados, o tratamento dado a eles ser, agora, o principal requisito para ser pensado enquanto editorialista.

Os adjetivos mantêm uma recorrência quanto às categorias a que se dirigem. Os termos se referem e continuam se referindo a ações, situações, e poucas vezes se dirigem a pessoas, mantendo um traço de regularidade quanto a seu uso.

Considerações finais

Nesta pesquisa, procuramos desvendar a composicionalidade da tradição discursiva Editorial do jornal *O Mossoroense*, publicado a partir de 17 de outubro de 1872, feita em três intervalos de tempo consideráveis para que houvesse mudanças importantes nos textos, quanto à categoria analítica da adjetivação. A primeira fase se deu a partir de 1872 a 1875, a segunda fase de 1928 a 1932 e a terceira fase se deu a partir de 1980 a 2007. Estes textos estão disponíveis para consulta no Museu Municipal Lauro da Escóssia e constituem uma fonte rica de pesquisa tanto para as áreas da linguística, da história quanto do jornalismo.

Partimos do pressuposto defendido por Kabatek (2001) de que os textos têm uma historicidade assim como os idiomas apresentam histórias de suas mudanças e estados. Essa historicidade tem como pano de fundo a dimensão pragmática na qual se inserem os textos. Essa é a razão de ser da metodologia de trabalho das Tradições Discursivas: relacionar os acontecimentos contextuais ao estabelecimento de tradições de um dizer.

As tradições estão ligadas a um momento específico na história e evocam, em algum momento, partes ou um texto historicamente situado, por isso a importância da verificação de que elementos textuais estão presentes no gênero e que estão ligados aos fatores pragmáticos. Isso justifica a necessidade de se reconstituir os entornos.

O uso dos adjetivos na primeira e na segunda fases se assemelham quanto aos aspectos semânticos de positividade e de negatividade. Embora estejam em momentos distintos, apresentam o mesmo traço característico da argumentação do editorialista, em que os valores de positividade marcavam a concordância do autor do texto com as ações descritas, ou mesmo a apreciação dele para com as temáticas desenvolvidas; os valores de negatividade e depreciação marcavam seu posicionamento contrário aos fatos, objetos e sujeitos. Esse traço composicional da adjetivação com valores de extrema negatividade e mesmo de qualificações mais exaltadas já não faz parte da configuração dos editoriais mais modernos. Hoje os textos são configurados com adjetivos mais amenos. Embora utilizem adjetivos valorativos negativamente, não se percebem muitos termos arreigados de uma negatividade exagerada.

A adjetivação, desta forma, foi reconfigurada nos textos editoriais do jornal *O Mossoroense*. Apesar de ser, muitas vezes, através dessas escolhas que o autor manifesta sua opinião ou ponto de vista, elas são, definitivamente, mais amenas que os textos do final do século XIX ou mesmo do início do século XX.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BASTOS, Ana Karine P. Holanda. *Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de Tradições Discursivas nos jornais do Recife*. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- BORGES NETO, José. *Adjetivos: predicados extencionais e predicados intencionais*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a História de Mossoró*. 4 ed. Mossoró: FGD, 2001.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. 2 ed. Trad. Agostinho Dias Carneiro; rev. Téc. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, RJ: Presença, 1979.
- COSTA, Alessandra Ferreira Castilho da. Tradições Discursivas em A Província de São Paulo (1875): gêneros textuais e sua constituição. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MICHELETTI, Guaraciaba; MARÇALO, Maria João; Martin, Vima Lia de Rossi; (Org.). *A Língua Portuguesa no mundo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- ESCÓSSIA, Lauro da. *As dez gerações da família Cambôa*. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1978.
- GOMES, Valéria Severina; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. Marcas de proximidade comunicativa em editoriais em cartas de leitor dos séculos XIX e XX. *Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET*. Natal – RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ ALAB, 2011. V. único, p 1-18.
- KABATEK, Johannes. Como investigar lãs tradiciones discursivas medievals? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: Daniel Jacob e Johannes Kabatek (Eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica: Descripción gramatical - pragmática histórica - metodología*. Vervuert: Iberoamericana, 2001, pp. 97-132.

- _____. Tradições Discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs). *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador, BA EDUFBA, 2006, Vol. VII, p.505-527.
- _____. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Vervuer: Iberoamericana, 2008.
- KOCH, Peter. "Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo Del tratamiento vuestra merced em español". In: Johannes Kabatek (Ed.). *Sintaxis histórica Del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid : Iberoamericana, 2008. p. 53-88.
- LONGHIN, Sanderleia Roberta. *Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.
- OESTERREICHER, Wulf. Autonomización Del texto y recontextualización. *Dos problemas fundamentales de las ciencias de texto*. Mimeo, 1999.
- ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. A xilogravura de João de Escóssia como marco da imagem na imprensa do RN. *II encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Salvador, 2004. P. 1-16
- ROSADO, Vingt-un. Mossoró. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, 2006.
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da linguística*. Trad. Fernando Tarallo [et al.]- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. (atualizada) Rio de Janeiro: Mauad, 2011.